

NARRATIVAS DE DOCENTES SOBRE O REGIME MILITAR NO BRASIL

MAURÍCIO SIGNORINI DIAS¹; LETÍCIA FONSECA RICHTOFEN DE FREITAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – mauricio.ufpel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – leticia.freitas@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma análise das narrativas de dois professores que lecionavam durante o regime militar no Brasil, a partir dos níveis de ordenamento das atividades narradas propostos por BAMBERG (2002). Desse modo, objetiva-se analisar de que formas os dois sujeitos posicionam identitariamente os personagens de suas memórias, como se colocam em relação a eles e como os sujeitos se constituem em relação às suas histórias no momento da produção de suas narrativas. Partindo-se da vertente indisciplinar da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006), analisam-se as narrativas considerando suas relações sócio-históricas, para então compreender seus significados na contemporaneidade. Este estudo também se apoia em estudos sobre análises de narrativas (BAMBERG, 2002; MELO & MOITA LOPES, 2014), pois em narrativas de experiências de vida encontram-se traços das relações entre sujeito e sociedade (OLIVEIRA e BASTOS, 2001). Nos resultados destacam-se as grandes diferenças do que o ser professor significa para eles, como ser uma vedete ou um propiciador de oportunidades. Além disso, aponta-se para a maneira surpreendente como os dois professores narraram os seus ex-colegas de trabalho, de forma sarcástica ou anistiável.

2. METODOLOGIA

Para este estudo foram utilizadas duas narrativas geradas por meio de duas entrevistas narrativas¹ realizadas no primeiro semestre de 2015. A primeira narrativa é a de um ex-professor universitário e sua entrevista teve duração de 28m05s; a segunda também é a de um ex-professor universitário, e sua entrevista teve duração de 1h25m30s. Faz-se importante compreender que, para esta pesquisa de caráter qualitativo, a entrevista é considerada uma relação discursiva, na qual entrevistador e entrevistado podem interagir, discutir e até divergir, ou seja, não se trata de uma simples entrevista, mas de uma entrevista narrativa. Por isso, é importante expor que não há um roteiro de perguntas pré-estabelecido e que conduza os sujeitos a elaborarem respostas que venham ao encontro de uma hipótese investigativa anterior à entrevista (BASTOS & SANTOS, 2013).

Assim sendo, para analisar as narrativas coletadas, partiu-se dos três níveis de ordenamento das atividades narradas propostos por BAMBERG (2002), os quais se constituem em: no primeiro nível evidencia-se os personagens da narrativa, como eles são construídos, como estão posicionados, quais são suas características e quais são suas ações em relação ao narrador. No segundo nível apresenta-se a forma como o narrador interage em relação aos personagens. O

¹ Para o procedimento da entrevista, os dois professores assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

foco de análise desse nível é a interação no aqui-e-agora do evento narrativo. A partir das descrições feitas pelo narrador e dos envolvimento dele com seus personagens, observa-se uma construção moral do *eu* que conta a história. Então, no terceiro nível, procura-se responder a questão *quem sou eu?* Dessa forma, expõe-se o modo como o narrador se constituiu em relação a tudo o que foi dito, transcendendo os dois outros níveis de ordenamento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A narrativa, em estudos de análise qualitativa como em Linguística Aplicada Indisciplinar, é concebida como uma performance, já que o indivíduo narra uma história de vida reinventando-se e transformando seus discursos em práticas sociais, através da linguagem e de sua natureza constituidora e constituinte. Dessa forma, um indivíduo, ao narrar suas experiências de vida, adota posicionamentos identitários para si e para os personagens de sua história. Assim, ele dá sentido ao que está sendo contado, tendo em vista o entrevistador e o ambiente que se encontram. O sujeito, o qual já conhece a história narrada, pode construir sua narrativa a fim de passar uma determinada mensagem ao ouvinte, por vezes, trazendo novos significados no momento da entrevista (MELO & MOITA LOPES, 2014).

O uso da narrativa nas pesquisas em LA Indisciplinar foi possibilitado devido à reformulação de suas bases epistemológicas, tendo em vista uma nova concepção da linguagem, como construtora de significados (MOITA LOPES, 2006). Esta perspectiva da LA é socioconstrucionista e compreende os posicionamentos identitários dos indivíduos como construções situadas socialmente em suas histórias de vida. Além disso, sendo os sujeitos microcosmos sociais, os quais se relacionam com o mundo em que vivem, ou seja, o macrocosmo social, eles, ao recordarem do passado, entram em contato com o contexto social do evento narrado, e, dessa forma, quando o microcosmo se relaciona com o macrocosmo, pode-se observar a comunicação que ocorre entre indivíduo e determinada sociedade (OLIVEIRA e BASTOS, 2001).

Como as entrevistas têm durações extensas, foram selecionados alguns excertos para serem expostos. Abaixo, encontram-se as transcrições desses excertos e, a seguir, a análise das narrativas²:

Excertos da narrativa do sujeito 01: [...] *as pessoas que não tinham (.) militância que não tinham engajamento :: enfim uma participação mais ativa na política do município da região e até mesmo da universidade atravessaram o período sem maiores constrangimentos. Você nunca sabia às vezes num comentário ingênuo inocente você podia tá se expondo porque não sabia quem tava na plateia o que pensava como interpretava o que tu dissesse. O professor naturalmente tem sempre exposição é :: a vedete da plateia. Mas --- não me lembro assim (.) de grandes episódios houve alguns com certeza houve alguns (.) mas eu acho que não passaram de uns dez (.) doze por aí (.) que foram assim mais que repercutiram mais na época né que quando você via um colega sumia hh ficava*

² Nota-se que alguns símbolos foram utilizados na transcrição, eles foram sugeridos por JEFFERSON (1983) e adaptados por BASTOS e SANTOS (2013). Os significados desses símbolos são: (.) micropusa; :: prolongamento da vogal; ↑ subida de entonação; sublinhado ênfase; hh risos.

guardado hh levado pro arquivo hh Tem os olheiros do rei. De repente você não sabia quem tava sentado na tua frente [...] Até discutia temas assim mas sempre de um cuidado de abordagem↑ Esse era o horror você trabalhava tenso sempre.

Excertos da narrativa do sujeito 02: [...] *Eu fui denunciado por professores (.) como subversivo (.) nem isso eu era mas eles entendiam assim. No período de 66, 67 eu comecei a dar aulas no colégio X (.) aí começaram alguns problemas vamos dizer assim consequências dessa relação desarmônica que eu tinha com o sistema então imposto no país (.) o sistema ditatorial. Nesse mesmo período eu fui impedido de ser professor do estado tendo sido o primeiro colocado numa seleção feita na época/ o primeiro colocado mas a delegada de educação da época me disse que assim como eu era o primeiro colocado na seleção eu era também o primeiro de uma lista de (.) "subversivos" do presidente (.) da Arena³ em Pelotas. Eu não fui torturado. Tive colegas meus que foram torturados. A coisa ficou muito complicada. Então a gente ficava sabendo olha o fulano de tal ::: ele ::: tentou te dedurar↑. E hoje a pessoa ta lá (.) Foi anistiado. Eu anistiei essas pessoas porque na verdade (.) porque a grande maioria delas (.) tava sobrevivendo.*

Nível 1) Quem são os personagens e como eles estão posicionados?

Sujeito 01) Primeiramente, o professor divide os antigos colegas em dois grupos: os arquivados (desaparecidos) e os que eram como ele. Na narrativa, os alunos são chamados de plateia, nela havia os olheiros do rei. Então se percebe dois novos personagens: os alunos que espionavam e o rei, representando na narrativa o poder ditatorial personificado.

Sujeito 02) O professor 02 divide seus colegas entre os que denunciavam outros professores e os outros, os amigos ou conhecidos torturados ou não. As outras personagens são a delegada de educação da época e o presidente da Arena em Pelotas, os dois representando os poderes do regime vigente sobre a educação, pois ele foi proibido de assumir o cargo de professor no princípio da carreira.

Nível 2) Como o sujeito se posiciona em relação aos personagens?

Sujeito 01) Ao recordar os colegas arquivados o professor ri dos destinos cruéis que eles tiveram, numa mistura de nervosismo e ironia. Ele também ri de alívio pelo distanciamento que o desaparecimento dessas pessoas o traz e também por não ter tido o mesmo fim. Casos de desaparecimento de professores são pouco recordáveis, já que poucos *repercutiram* naquele período. Ele ainda repete discursos comuns da época ao citar que todo aquele contrário ao regime ditatorial era subversivo.

Sujeito 02) Ao lembrar os colegas que o denunciaram, o professor os anistia, compreendendo que eles estavam apenas sobrevivendo. Já a delegada de educação e o presidente da Arena, representando o poder ditatorial, injustamente o proíbem de assumir um cargo, sem provas que o incriminassem.

Nível 3) Quem é ele em tudo isso?

Sujeito 01) O professor 01, no momento da produção da narrativa, se constituiu como um artista preocupado com sua imagem e com os comentários ingênuos e inocentes, os quais poderiam ser mal interpretados pelos olheiros presentes na plateia. Ele temia, pois sabia que a qualquer momento poderia ser descartado como seus colegas foram, e por isso atuava. Sua fala é bastante tranquila,

³ Aliança Renovadora Nacional, a Arena foi o partido político representante dos militares.

fazendo uso constante de micropausas. Ele constrói sua narrativa modelando-a de forma a parecer um palco teatral, no qual os professores são vedetes, e aqueles que não agradavam à plateia, acabavam sendo retirados de cena.

Sujeito 02) O professor 02, no momento da entrevista, se constituiu como alguém que simplesmente queria trabalhar sem precisar pensar de forma controlada. Ele não se identificava com o modo de pensamento do regime ditatorial e não aceitava ser tratado como subversivo, desconsiderando tal título. Proibido de assumir o cargo por ser tratado dessa forma, foi denunciado por colegas por criar atividades para os alunos que oportunizassem diferentes formas de aprender. Ele anistiou estas personagens, numa tentativa de seguir em frente sem o peso do sofrimento causado pela perseguição constante.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa mostrou o quanto um indivíduo, ao narrar sobre outros, acaba por também constituir a si mesmo. Constatou-se também que as práticas de linguagem são práticas sociais, como quando o professor 02 diz ter anistiado seus ex-colegas de trabalho, sua fala representa uma tentativa de posicionamento para toda sua vida social, já que os anistiados ainda convivem com ele, em sua memória. O outro professor, ao narrar sobre os ex-colegas desaparecidos, ri, aparentando um alívio por estas pessoas terem sido afastadas dele. Todavia, ele também demonstra nervosismo, possivelmente por lembrá-las ou por ter uma atitude sarcástica diante de um pesquisador. Enfim, os resultados ainda apontam para os significados que o ser professor adquiriu nas narrativas: enquanto para o primeiro sujeito ser professor era ser uma vedete controlada, para o segundo sujeito era ensinar sem doutrinar, oportunizando diferentes formas de aprendizado e desenvolvimento aos seus alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAMBERG, M. Construindo A masculinidade na adolescência: posicionamentos e o processo de construção da identidade aos 15 anos. In: LOPES, L.P.M.; BASTOS, L.C. (Org.). **Identities - recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado das Letras, 2002. p. 149-185.

BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William S. **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2013. p.21-36.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.45-65.

MELO, G.C.V.; MOITA LOPES, L.P. **A Performance narrativa de uma blogueira: “Tornando-se preta em um segundo nascimento”**. Alfa, São Paulo, 58 (3): 541-569, 2014.

OLIVEIRA, M. C. L.; BASTOS, L. C. Saúde, doença e burocracia: pessoas e dramas no atendimento de um seguro saúde. In: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L. (Orgs.) **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB, 2001.